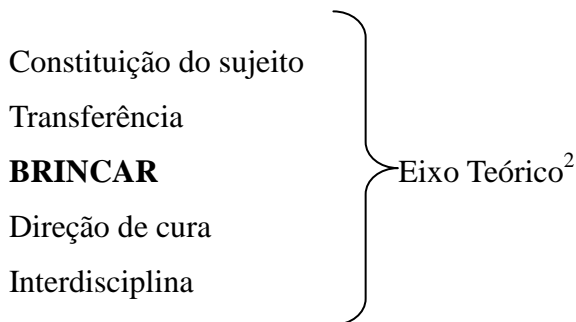


O BRINCAR ESTRUTURANTE: DO BEBÊ À CRIANÇA¹

Sara Scheidt Soriano

O psicanalista na clínica com crianças se ocupa de um sujeito em constituição. Portanto, “em comparação com a clínica de adultos, têm uma responsabilidade suplementar”, nos adverte Alfredo Jerusalinsky (2004, p.155).

No meu percurso de estudos sobre a clínica com crianças, numa aula com Fernando Maciel em Buenos Aires, intitulada: Eixos Centrais da Prática Clínica com Crianças, ele escreve no quadro:



O brincar constitui um eixo da prática clínica e permite sustentar nossas intervenções, a partir de uma posição ética, a qual é colocar em primeiro plano a constituição de um sujeito desejante.

Então, me proponho a falar do brincar articulado a constituição do sujeito, desde as primeiras marcas constituintes ao brincar, o qual vai surgindo do desprendimento do objeto primordial e, só depois, aparecerá articulado às construções cognitivas, quando surgirá o interesse pelos objetos da realidade.

Esta diferenciação é importante, pois como nos situa Gerson Pinho (2001), para um autor como Piaget, o início do brincar está entre 18 meses e 24 meses, quando aparece o jogo simbólico – as representações. Para ele, as formas de representação são: imitação, imagem mental, linguagem e desenho. Antes disso, no período sensório motor, há ausência de representação – é um jogo de puro exercício, não supõem pensamento ou qualquer estrutura lúdica.

¹ Texto elaborado para a Jornada de Encerramento de Trabalhos da APC em 24/10/2019. sarasoriano@ymail.com

² Anotações das aulas no Centro Lydia Coriat de Buenos Aires, 2002.

Como a Psicanálise descreve o brincar desse tempo?

Em Além do princípio do prazer, Freud através da observação de seu neto de 18 meses, descreve o que vem a ser conhecido como o “jogo do *fort-da*”. Para Alfredo Jerusalinky é brincar de “esta, não esta”.

Trata-se da leitura que Freud faz, da produção do brincar de seu neto, um momento em que a criança inclui uma representação articulada a uma ação, no vai e vem do carretel. O carretel pode ser considerado um brinquedo estruturante, que segundo Alfredo Jerusalinsky (2004, p.157), “é um brinquedo que possui a capacidade de promover articulações necessárias para a constituição do sujeito.”

Para Ricardo Rodulfo (1990, p.169), no brincar, a criança “põem em ação um longo trabalho de escritura inconsciente, a criança toma um objeto qualquer que possa lhe servir. Uma criança o faz, espontaneamente e cotidianamente”

Sobre este cotidianamente retomo Freud em Além do princípio do prazer (1920) “foi mais que uma observação passageira, porque vivi sob o mesmo teto que a criança e seus pais durante algumas semanas.”

No do jogo do *fort da*, com um objeto qualquer = o carretel - é com ele que se “inventa uma série de encenações, metamorfoseando-o em algo novo” afirma Rodulfo. É a possibilidade de transformação de qualquer material em brinquedo, e acrescenta “dir-se-ia que a espontaneidade inconsciente funciona como uma varinha mágica; nada do que toca, nem lugar por onde passa, continua igual” (RODULFO, 1990, p.169)

O que se lê na cena descrita por Freud?

Ricardo Rodulfo (1990, p.170) relatou: “brincar é um código privado; não necessita ser entendido por toda uma comunidade social. E o brinquedo tem, nesse sentido, um caráter secreto homólogo ao do sonho, e por isso deve ser decifrado”.

Freud no texto A interpretação dos sonhos de 1900 (p.125) aponta: “o que devemos tomar como objeto de nossa atenção não é o sonho como um todo, mas partes separadas de seu conteúdo” [...] “se colocar diante dele (paciente) o sonho fracionado, ele me dará uma série de associações para cada fração” portanto, Freud emprega a “interpretação em detalhes e não em massa”.

Então, vamos colocar em partes o *fort da*.

- O objeto carretel – vai e vem – visto e não visto – ele é lançado para trás da **borda** desaparece e ao ser puxado reaparece.
- Produz ativamente a **descontinuidade** do olhar da criança sobre o objeto – há reversão de lugares, pois agora, ativamente é ela quem faz desaparecer o objeto

- Há um intenso **interesse e satisfação** expressa.
- Realiza-se uma **produção fonética** “*Oo-Aa*” - *ooo (fort)* vai embora - **ausência** e *aaa (da)* aqui está - **presença** – a criança nomeia “por si” esta **oposição**, então é sujeito da enunciação. Estes fonemas *Oo Aa* são lidos por Freud como palavras, e foram reconhecidas na produção da mãe nos cuidados com a criança.
- Com o brincar, não protesta saída da mãe, **sustenta** sua ausência. Há uma **renúncia** da satisfação pulsional (perda) e é ressarcido no plano **simbólico** representando a ausência (ganho)
- Na ausência da mãe **brinca** com o objeto. Portanto, é no desprender do objeto primordial, que surge o interesse pelos objetos da **realidade**. Como coloca Julieta Jerusalinky (2011, p.240), “brincar é entreter-se, sustentar-se brevemente diante da falta do Outro, ao entreter-se, entre dois significantes, não cai junto com a ausência materna”.

Para Julieta Jerusalinky (2011), o *fort da* não tem toda a extensão simbólica que caracteriza o faz de conta, mas tem as características que o situam no marco inicial. É a partir deste marco da estruturação psíquica, que ocorrerá a dilatação imaginária e se desenrolará o faz de conta propriamente dito, chegando ao ápice do brincar simbólico. Portanto temos aqui o início do “como se”, tempo de separação, tempo de apropriar-se dos significantes e recriá-los.

Patrícia Enright (1997) coloca que nesse tempo subjetivo, o objeto será para uma criança: o objeto que ela quer, que vai ser o que ela quer que seja e não o objeto em si ou objeto que o outro quer, mas sim, o objeto trampolim, que sustentará uma significação própria, de um sujeito que se põem a desejar.

A criança quando brinca, é senhora de seus desejos, afirma Julieta Jerusalinky (2011). Com o desenrolar do faz de conta, a criança ensaia respostas que a tiram do lugar de passividade diante do Outro, assim, ela elabora uma série de acontecimento de sua vida.

Mas, o que há antes do jogo do *fort da*?

Os jogos constituintes do sujeito, considerados como jogos precursores do *fort da* e estabelecidos no laço mãe-bebê. Para Julieta Jerusalinky (2011) “é a criação da criança”.

Neste laço, a mãe suscita e sustenta as produções do bebê e este, entra no jogo e engaja no prazer do corpo, enquanto a mãe, dá autoria ao bebê - “ele sabe”, é suposto um sujeito.

Leda Bernardino (2008), aponta que a passagem do organismo ao sujeito de existência simbólica, é realizada no interior da relação mãe bebê e sustentada pelos outros parentais.

Estes são os transmissores da estrutura simbólica, do saber inconsciente. A relação família/bebê é transmitida de geração a geração.

Para Ricardo Rodolfo (1990, p.56), tudo o que a criança recebe do mito familiar é através do próprio corpo da mãe, é claro que não sobre a forma de narrativa, senão na

- quantidade indefinida de intervenções concretas (ação específica),
- nas diversas tonalidades de uma carícia, entonações que, por repetição, tornam-se significantes,
- nas músicas táteis, auditivas,
- na proximidade ou na distância do contato;

Portanto, é assim como e onde se enlaça o mito familiar. Uma transmissão não é só por palavras, pois no “como se levanta uma criança, está o mito familiar em ação”. O mito familiar não é exterior, não é um discurso exterior, acha-se no corpo materno!

O encontro do corpo da mãe com o mito familiar, infiltra o mito e tinge suas atitudes, suas posições, seus ditos, suas fantasias, assim nascerá o corpo imaginado, primeiro lugar do bebê em um mundo simbólico, lugar preparado para a criança viver, descreve Rufino (1990, p.56). E, Leda Bernardino (2008) afirma, é o lugar de filho.

Bernard Golse (2003, p.55) relata que o brincar é um espaço de narração mútua, até mesmo para os bebês. Cada vez que um adulto cuida de um bebê, se apresenta um estilo interativo absolutamente específico destes dois parceiros. “O adulto traz na interação, todas as capacidades de sintonização e harmonização dos afetos, toda a sua história (principalmente a infantil) e todo o peso da sua personalidade, mas também todo o impacto do lugar que esse bebê ocupa no seio de seu mundo representacional”, portanto, um adulto não cuida exatamente da mesma maneira de cada criança.

Leda Bernardino (2008) aponta que, nesse laço mãe-bebê, o bebê é dotado de um aparato que o torna capaz, desde os primeiros dias de vida, de ser um parceiro ativo na interação – ele entra no jogo. As pesquisas atuais indicam que um bebê provoca, o que consiste na sua capacidade de continuar a troca com o outro. (pesquisas sobre protoconversa e imitação)

Então... será um bebê um suposto sujeito “que brinca”? Sim.

Silvia Peaguda (1999) relata que é pela linguagem, nas cenas de cuidados de uma mãe com seu bebê, que o brincar entra. Quem diz e sanciona as ações do bebê como brincar é o Outro.

Uma mãe nos cuidados com seu bebê, diferencia o prazer da necessidade e nomeia o prazer como brincar. Numa cena de amamentação – há o sugar o leite e o brincar com o seio.

Portanto, ao reconhecer o brincar com o seio, a mãe diz: “você só está de brincadeira” ou “brinca com o seio e não dorme”. O bebê dispensa a necessidade e se distrai e assim é suposto: há uma linguagem no bebê. E, como diz Leda Bernardino (2008, p. 21), “o bebe é simbólico, o que ele dá a ver é considerado”.

Ao exercer os cuidados com o bebê, instaura-se o auto-erotismo, marcam-se as zonas erógenas – repete o que causa prazer – dispensa a necessidade – o bebê chupa a mão. A chupeta entra em cena – a mãe diz: “dou a chupeta para que se entretenha”, de que? Da ausência materna. Na falta aparecem os objetos: chupeta, chocalho e começam as preferências, “ele gosta desse”. A chupeta é jogada, alguém a traz de volta – iniciam as descontinuidades.

Nestas primeiras cenas, um bebê experimenta a continuidade e descontinuidade, enquanto mama, suga o seio da mãe, sua mão toca seu corpo, desliza pelo corpo da mãe, produzindo uma diferença nas sensações, nesses diferentes territórios.

Neste primeiro tempo, vão se produzindo as inscrições, vão se desenhando as bordas, vai se fazendo o litoral. E os jogos, serão em torno dessas bordas: o corpo do bebê e o corpo materno – são os jogos sobre as zonas erógenas, as zonas de troca.

Temos as marcas de descontinuidade:

- o olhar e a voz – são respostas e também um primeiro diálogo lúdico
- me olhou, me sorriu – no intervalo o bebê é capaz de responder, é suposto.
- se a mãe responde (presença) – mãe não responde (ausência)
- a voz - que o bebê produz, faz vibração no corpo, é diferente da voz que outro produz - o buraco/boca do outro que abre e fecha, sai uma voz e o bebê escuta por um buraco/orelha - o bebê que move a boca, é suposto: “quer falar”
- o ar (sai e entra)

O traçado de uma borda, a construção de um corpo, que se lançará no espaço, para outros territórios.

Vamos brincar de: “tu tu – achou!”

Silvia Peaguda (1999) faz um comparativo deste brincar com o *fort da*, demonstrando que eles são iguais, porém com uma diferença, aqui, o brincar : “só acontece com o outro”, ele é na “presença do outro”. Há descontinuidade - visível e não visível. Há ausência e reencontro. A reparação deve ser quase imediata, senão a angústia aparece, pois a ausência ainda não está simbolizada.

E vem o tempo de fazer gracinhas – bater palma, piscar, dar tchau – o erotismo está enlaçado no outro. Até que começa a brincar com a falta, nas diferentes manifestações de separação jogando objetos para fora do berço; fora da mesa, espia frestas, interesse por buracos e onde não pode entrar, explora fronteiras, enche até transbordar, experimenta os limites de equilíbrio, brincar de cair, saltar de altura, pára nos degraus. Alfredo Jerusalinky comenta que dois campos pulsionais se recortam aqui, o olhar e a motricidade.

Há condições de separação, há a extensão para outros territórios, é ir para além do corpo materno.

Ao chegar ao *fort da*, a criança brinca de revisitar o laço com a mãe, porque há borda, há extensão de território, há descontinuidade, há representação da ausência, há um brinquedo que sustente as articulações.

O brincar estruturante produz a capacidade de promover as articulações necessárias para a constituição do sujeito e o analista num trabalho clínico, intervém com uma leitura que possibilita uma decifração, viabilizando que esse brincar apareça, se realize e se estenda.

Referências Bibliográficas

BERNARDINO, Leda M.F. É possível uma clínica psicanalítica com bebês? In: Kupfer, M.C; Teperman, D. (org). *O que os bebês provocam nos psicanalistas*. São Paulo: Escuta, 2008.

ENRIGHT, Patrícia. ?Qué se juega cuando jugamos? La intervención diagnóstica en la clínica de la psicopedagogia inicial. In: *Escritos de la infancia n°7*. Buenos Aires: FEPI – Centro Lydia Coriat, 1997.

FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (1900). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

GOLSE, Bernard. *Sobre a Psicoterapia pais-bebê: narratividade, filiação e transmissão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

JERUSALINKY, Alfredo. A educação é terapêutica? Sobre os três jogos constituintes do sujeito. In: Jerusalinky, A. et all. *Psicanálise e Desenvolvimento Infantil: um enfoque transdisciplinar*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

JERUSALINKY, Julieta. *A criação da criança: brincar, gozo e fala entre mãe e o bebê*. Salvador: Ágalma, 2011.

PINHO, Gerson S. O brincar na clínica interdisciplinar com crianças. In: *Escritos da clínica n°6*. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 2001.

PEAGUDA, Silvia. Juegos precursores del fort da. In: *Escritos de la infancia n°8*. Buenos Aires: FEPI – Centro Lydia Coriat, 1999.

RODULFO, Ricardo. *O brincar e o significante: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.